

O advento da língua copta e as transformações sociais no Egito cristão

Julio Cesar Dias Chaves¹

Resumo:

Este artigo tece uma série de considerações sobre o surgimento da escrita copta e como esta estava relacionada à expansão do cristianismo no Egito. À medida que o cristianismo expandia-se no Egito, graças em grande parte às possibilidades de expansão proporcionadas pela própria língua copta, ocorriam transformações sociais consideráveis. A mais notável dessas transformações surgiu com o advento do monasticismo, intimamente ligado ao desenvolvimento do cristianismo no Egito, bem como à difusão da escrita copta. O monasticismo fez surgir no Egito, e posteriormente em toda cristandade, um novo modo de vida, operando transformações sociais importantíssimas.

Palavras-chaves: Cristianismo antigo, Monasticismo, Copta.

Abstract:

The rise of Coptic language and social change in Christian Egypt.

This article deals with the rise of Coptic as a writing language and how it was related to early Christianity and its expansion and development in Egypt. Christianity's development in Egypt is mostly due to the many possibilities that Coptic presented once it became a writing language, also contributing to many social changes. The most outstanding transformation is the rising of monasticism, that should be also understood in the light of Christianity and Coptic writing development. Monasticism brought a new way of life to Egypt and to Christianity as a whole.

Keywords: Early Christianity, Monasticism, Coptic language.

Para o grande público, Egito antigo é sinônimo de Egito faraônico; são muito poucos aqueles que sabem que a história do Egito antigo tem muito mais a oferecer do que o estudo das pirâmides e diversas dinastias faraônicas. Posto isso, um dos mais importantes períodos da história do Egito antigo, e um daqueles que mais influenciou a mentalidade e cultura ocidentais, situa-se cronologicamente na chamada antiguidade tardia, mais ou menos entre os séculos III e VI, período este que coincide com o surgimento e desenvolvimento da língua e escrita copta.²

Este período da história do Egito foi marcado pelo desenvolvimento e expansão do cristianismo, que acabou por se tornar a religião majoritária deste país.³ O cristianismo egípcio contribuiu extraordinariamente com a formação da mentalidade ocidental,⁴ e seu desenvolvimento e expansão estão intimamente

¹ Historiador formado pela Universidade de Brasília e mestre e doutorando em ciências das religiões pela Université Laval, Québec, Canadá. E-mail: jcchaves@gmail.com. Publicação recente: "De l'apocalyptique et de La gnose ancienne à sés avatars contemporains: réflexions d'un étudiant du Codex V de Nag Hammadi". In: *Laval théologique et philosophique*. Québec, 65, 1, pp. 31-33, 2009.

² O copta era a língua vernácula do Egito na antiguidade tardia. Hoje língua morta, ela permanece como língua litúrgica da Igreja Egípcia, também conhecida como Igreja Copta.

³ O cristianismo permaneceu sendo a religião majoritária e nacional do Egito até o advento da conquista árabe, o que fez com que o islamismo se tornasse gradualmente a principal religião do país. Atualmente, cerca de 10% da população egípcia é composta de cristãos.

⁴ A grande contribuição do Egito cristão para a cultura ocidental é, sem dúvida, o monasticismo, que começou a surgir no deserto e nas montanhas desse país já no final do século III, espalhando-se posteriormente por toda a cristandade e adquirin-

ligados ao surgimento da escrita copta, a língua majoritária do Egito no período em questão. Este artigo procura demonstrar como o cristianismo se expandiu com o advento da escrita copta, provocando assim, transformações culturais e sociais em todo o Egito na antiguidade tardia.

O EGITO HELENÍSTICO E O EGITO ROMANO

Antes de falar da língua copta propriamente dita, seria interessante tecer alguns comentários a respeito do Egito nos períodos helenístico⁵ e romano.⁶ É amplamente conhecido dos historiadores o processo denominado “helenização”, fruto das conquistas de Alexandre e o posterior governo de seus generais. Se o norte do Egito, em particular o Delta do Nilo, foi uma das regiões mais helenizadas da antiguidade, chegando inclusive a contar com uma das mais importantes cidades helenísticas, Alexandria, as regiões mais longínquas desse país, em especial a região da Tebaída,⁷ ao sul, sofreram uma influência relativamente pequena da cultura grega. Analogamente, no período da dominação romana, se a administração e burocracia do Império podiam ser sentidas nessas regiões longínquas, a influência da cultura latina não. Assim sendo, a região sul do Egito conseguiu em grande medida conservar através dos séculos da antiguidade uma cultura e língua autóctones.

À medida que o cristianismo começa a penetrar tais regiões longínquas, ele se depara então com tal cultura, travando com ela um contato direto, sem intermédio do helenismo ou da cultura latina, diferentemente do aconteceu na maior parte das regiões às quais o cristianismo chegou em seus primeiros três séculos de existência.

O ADVENTO DA LÍNGUA COPTA

Já foi dito que, apesar da helenização, a cultura helenística não atingiu consideravelmente as regiões mais longínquas do Egito. Consequentemente, a língua grega, majoritária em boa parte do Mediterrâneo, inclusive no norte do Egito, não chegou a ser largamente utilizada no sul do próprio Egito. Assim sendo, a língua autóctone dos egípcios sobreviveu à helenização, evoluindo do demótico para o copta nos primeiros séculos da era cristã.

No entanto, apesar de falada, a língua egípcia não era escrita até meados do século III. Foi a partir de então que, por meio da utilização dos caracteres gregos e de alguns caracteres remanescentes do demótico, a língua copta passou a ser escrita. Além dos caracteres gregos, o copta incorporou diversas palavras e expressões da *koiné*, o grego falado no mundo helenístico. No entanto, apesar de utilizar caracteres e muitas palavras gregas, o copta possui uma gramática completamente diferente.

Mas o que teria causado esse processo? Como e por que uma língua que era até então somente falada passou também a ser escrita? A resposta é simples e conhecida: o que engendrou a necessidade de o copta passar a ser também uma língua escrita foi o advento do cristianismo.

do importância fundamental no Ocidente na antiguidade tardia e Idade Média. Sobre a importância do monasticismo para a formação da cultura ocidental, ver WOODS, Thomas E. *How the Catholic Church Built Western Civilization*. Washington: Regnery Publishing, 2005.

⁵ Sobre a helenização em geral, ver MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991; FINLEY, Moses I. (ed.). *O legado da Grécia, uma nova avaliação*. Brasília: Ed. UnB, 1998. Sobre os aspectos religiosos da helenização, ver GRANT, Frederick. *Hellenistic Religions, The Age of Syncretism*. New York: The Liberal Arts Press, 1953. Sobre a helenização e o cristianismo em específico, ver SPINELLI, Miguel. *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia na época da expansão do cristianismo – séculos II, III e IV*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2002. Sobre a helenização no Egito ver BELL, Harold I. *Egypt from Alexander the Great to the Arab Conquest*. Oxford: Clarendon Press, 1948.

⁶ Ver JONES, Arnold H. M. *The Later Roman Empire*. 2 volumes. Norman: University of Oklahoma Press, 1964.

⁷ Nome que procede da antiga cidade de Tebas, uma das principais e mais conhecidas da região.

Sabe-se que o cristianismo, apesar de ter surgido na Palestina, onde predominava o aramaico, espalhou-se rapidamente por todo o mundo romano utilizando-se do grego. Prova disso é a mais antiga literatura cristã conhecida, que forma um corpus de literatura conhecido como Novo Testamento. As chamadas epístolas paulinas, as mais antigas obras cristãs conhecidas, foram compostas em grego nas décadas de 50 e 60 do primeiro século e endereçadas a comunidades espalhadas por diversos lugares do mundo romano. Os quatro evangelhos, que muito provavelmente começaram a ser compostos na década de 60, também em grego, são mais um exemplo da utilização do grego pelo cristianismo, o que demonstra igualmente o caráter cosmopolita dessa religião que surgia.⁸

Nos três primeiros séculos, o grego praticou bem seu papel de língua comum do mediterrâneo, fazendo com que a mensagem de salvação do cristianismo se espalhasse pelo império romano, mesmo em alguns lugares onde se esperava que outra língua imperasse, como no caso da própria Roma.⁹ O grego passou a ficar impotente, no entanto, quando o processo de expansão do cristianismo começou a atingir as regiões mais longínquas do império romano e, em alguns casos, até mesmo extrapolar suas fronteiras, no final do século III.¹⁰ Muitas dessas regiões, entre elas, como já mencionado, o sul do Egito, não conheciam o grego, ao menos não como língua de uso corrente. O Novo Testamento e outros escritos cristãos, poderosas ferramentas da evangelização, não eram capazes de atingir tais populações, pois se encontravam em uma língua para elas desconhecida. Foi então que começaram a surgir as primeiras traduções do Novo Testamento em línguas orientais. O mesmo pode-se dizer do Antigo Testamento, cuja versão grega, conhecida como Septuaginta, também foi traduzida para diversas línguas orientais a partir do século IV.¹¹

E foi exatamente o que aconteceu com o copta, até então língua somente falada. A necessidade de se ter o Novo e Antigo Testamentos na língua nativa do sul do Egito, fez com que eles fossem traduzidos do grego para vários dialetos coptas entre o final do século III e início do século IV.¹² As versões da Bíblia em copta são, portanto, os mais antigos textos em copta que se tem conhecimento.

Na medida em que o cristianismo se expandia pelo Egito, outros textos cristãos iam sendo igualmente traduzidos do grego para o copta. O caso mais famoso é, sem dúvida, o do conjunto de textos encontrados em 1945 no sul do Egito, nas proximidades da cidade moderna de Nag Hammadi; trata-se de um conjunto de mais de 50 textos reunidos em 13 códices de papiros que é hoje chamado pelos estudiosos de Biblioteca de Nag Hammadi. São todos manuscritos confeccionados em algum momento do século IV que contém traduções coptas de textos originalmente compostos em grego. Uma quantidade considerável desses textos é certamente de origem cristã e dá testemunho de manifestações marginais do cristianismo primitivo, pouco conhecidas dos historiadores e teólogos, o que levou muitos estudiosos a se interessarem por esses textos.¹³

Ao mesmo tempo, a pluralidade de dialetos encontradas nesse conjunto de textos testemunha que já no século IV sua circulação em copta não era nem um pouco restrita. O mesmo pode ser verificado em

⁸ BRUCE, F. F. *New Testament History*. New York: Doubleday, 1972.

⁹ Os primeiros escritores cristãos que viveram ou vieram de Roma escreveram em grego. Bom exemplos são Justino Mártir e Hipólito. O primeiro autor cristão importante que começou a escrever em latim foi Tertuliano, no século III, no norte da África, mas mesmo assim, ele também escreveu em grego. Só mesmo a partir do século IV é que o latim passa a preponderar como língua dos cristãos do Ocidente, processo esse que na verdade, coincide com o abandono e desconhecimento gradual do grego no próprio Ocidente. Os últimos escritores ocidentais bilíngues de vulto foram Rufino de Aquileia e Jerônimo, ambos do final do século IV (Cf. DROBNER, Humbertus. *The Fathers of the Church*. Peabody: Hedrickson Publishers, 2007).

¹⁰ ALTANER, Berthold & STUIBER, Alfred. *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1988, pp. 344-353.

¹¹ Idem.

¹² Havia basicamente três grupos dialetais coptas, o do baixo Egito, cujo o representante mais conhecido é o boárico, o do médio Egito, cujo representante mais conhecido é o faúmico, e o do alto Egito, cujo representante mais conhecido é o saídico.

¹³ Para um apanhado sobre a Biblioteca de Nag Hammadi ver CHAVES, Julio Cesar. "A Biblioteca de Nag Hammadi: uma história da pesquisa". In: *Oracula* 2, 4. 2006, pp. 1-19.

relação aos textos bíblicos, visto que há manuscritos e fragmentos confeccionados já no século IV em pelo menos três dialetos diferentes.¹⁴ As diferenças materiais dos códices de Nag Hammadi também advogam em favor da rápida expansão da escrita copta.¹⁵

Pode-se ainda citar a circulação de outros textos apócrifos traduzidos para o copta no século IV, como o *Apocalipse de Elias*, e o *Apocalipse de Zofonias*, por exemplo.¹⁶ Assim sendo, a quantidade e diversidade de textos cristãos em copta demonstram a rápida expansão do cristianismo nas regiões mais longínquas do Egito e conseqüentemente, fornecem pistas das transformações sócio-culturais decorrentes de tais processos.

Não é difícil imaginar que à medida que o cristianismo crescia e se expandia no Egito e ia, conseqüentemente ganhando mais adeptos, os cultos e práticas pagãs iam sendo abandonados. Processo semelhante ocorreu em grande medida em todo o império romano; a expansão do cristianismo, que ocorreu de forma marginal até o início do século IV, passou a ser institucional com o edito de Milão, em 313-314, em uma época na qual provavelmente a maioria da população já era cristã. O último suspiro institucional do paganismo aconteceu no reinado de Juliano, o apóstata (361-363), que tentou, sem sucesso, restaurar os cultos pagãos tradicionais.¹⁷ Surgiam igrejas e paróquias por todo o Egito, enquanto que os templos e locais de culto pagãos desapareciam ou se esvaziavam. Os túmulos de mártires viravam locais de peregrinação¹⁸ e turbas campestres rumavam para as cidades para celebrações litúrgicas como a Páscoa.¹⁹ A própria dinâmica do cristianismo, bem como sua mensagem de salvação por si só já geraram outras transformações sociais; Pacômio, importantíssimo personagem da história do cristianismo egípcio, sobre o qual este artigo falará em mais detalhes em breve, ainda pagão, surpreendeu-se com um exemplo elucidativo de tais transformações quando ao retornar de uma viagem rumo aos campos de batalha dos romanos, viu cristãos cuidarem, por simples caridade fraterna, de feridos e doentes de guerra.²⁰

Mas sem dúvida, o maior exemplo de transformação social do Egito cristão é o monasticismo, seja ele anacoreta ou cenobita.²¹ Os primeiros eremitas cristãos começaram a surgir nos desertos e montanhas do Egito; entre eles, estava Santo Antão, chamado de pai dos monges, cuja vida foi narrada por Santo Ata-

¹⁴ Há diversos fragmentos e textos bíblicos completos em saídico e boárico, bem como fragmentos em sub-acmímico do evangelho de João, todos datados do século IV. Para mais detalhes, ver METZGER, Bruce M. *The Early Versions of the New Testament. Their Origin, Transmission and Limitations*. Oxford: Clarendon Press, 1977, pp. 99-152; BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Uma introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 432-433.

¹⁵ ROBINSON, James M. *The Nag Hammadi Codices*. Claremont: The Ink Spot, 1977 e *The Facsimile Edition of the Nag Hammadi Codices. Introduction*. Leiden: E.J. Brill, 1984.

¹⁶ O caso do *Apocalipse de Elias* é elucidativo, pois, foi composto em grego no próprio Egito, tendo sido logo traduzido para o copta. Sobre o *Apocalipse de Elias*, ver FRANKFURTER, David. *Elijah in Upper Egypt. The Apocalypse of Elijah and Early Egyptian Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

¹⁷ Ver DROBNER. *The Fathers of the Church*. Pp. 187-199. Ver ainda MOMOGLIANO, Arnaldo (ed.). *The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century*. Oxford: Clarendon Press, 1963.

¹⁸ ALATANER & STUIBER. *Patrologia*, pp. 222-264.

¹⁹ VEILLEUX, Armand. *La liturgie dans le cenobitisme pachomien au quatrième siècle*. Roma: Pontificium Institutum S. Anselmi, 1968, pp. 249-261.

²⁰ VEILLEUX, Armand. *Pachomian Koinonia volume one. The Life of Saint Pachomiu and his Disciples*. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1980. O citado volume contém as traduções em inglês da principal versão em grego da biografia de Pacômio (Primeira Vida grega de Pacômio), bem como a da principal versão em copta (Vida boárica de Pacômio) e dos principais fragmentos em copta (Vidas saídicas de Pacômio). Tal episódio está narrado no § 7 da Vida boárica e nos § 4 e 5 da Primeira Vida grega, que correspondem, respectivamente às páginas 26-28 e 300-301 da citada tradução. Para uma edição do texto grego, ver HALKIN, Francis. *Sancti Pachomii Vitae Graecae*. Bruxellas, 1932. Para edições dos textos coptas, ver LEFORT, Louis-Théophile. *S. Pachomii Vitae Sahidice Scriptae*. Corpus scriptorum Christianorum orientalium 99. Louvain: Imprimerie Orientaliste, 1952 e *S. Pachomii vita bohairice scripta*. Corpus scriptorum Christianorum orientalium 89. Louvain: Imprimerie Orientaliste, 1953.

²¹ Anacoreta era o nome dado aos monges que se refugiavam no deserto ou nas montanhas para viverem sozinhos e isolados do mundo; já os cenobitas eram os monges que viviam em comunidades monásticas.

násio de Alexandria na obra que ficou conhecida como *Vida e conduta de Santo Antão*.²² Tal obra foi escrita em grego, sendo logo traduzida para o copta, e teve participação fundamental na formação da mentalidade e ascética monástica tanto no Ocidente quanto no Oriente.²³ Mas apesar de ter sido escrita em grego, pelo patriarca de Alexandria, cidade altamente helenizada que continuou a usar o grego até o início da Idade Média, a *Vida e conduta de Santo Antão* é uma hagiografia que relata a vida de um eremita egípcio²⁴ que se refugiou nos desertos e montanhas do médio Egito e que muito provavelmente falava copta. Há inclusive a possibilidade considerável de que Santo Antão tenha composto cartas em copta. Apenas uma dessas cartas foi conservada em copta; muitas outras, porém, foram conservadas em outras línguas correntes da antiguidade tardia, entre elas o georgiano.²⁵ Quer tenham sido traduzidas do copta diretamente para tais línguas, ou passando pelo grego, há evidências suficientes para afirmar com segurança que tais cartas foram originalmente compostas em copta e pelo próprio Antão, o que torna esse corpus específico de literatura a provável mais antiga composição original copta.²⁶

Antão foi sem dúvida o mais famoso eremita egípcio, mas não foi o único. A sua fama se espalhou por toda a cristandade fazendo com que uma legião de cristãos fervorosos seguisse seu exemplo, procurando refúgio no deserto e nas montanhas, abandonando as cidades e o trabalho no campo. Sabe-se inclusive que se formou em torno do próprio Antão um conjunto de discípulos, que viam nele seu mestre e guia. As cartas citadas parecem ter sido dirigidas e esses discípulos e demonstram a participação e a importância da língua copta nesse processo de transformação social, no qual milhares de egípcios mudaram radicalmente de vida, formando um novo grupo social.²⁷

Algumas décadas após a ida de Antão para o deserto, outro egípcio, Pacômio, que também falava copta, fundou a primeira comunidade monástica da história. Na região da Tebaída, Pacômio construiu juntamente com os primeiros membros de sua comunidade, o mosteiro de Tabenasi e anos depois o maior mosteiro de sua congregação, Phbow.²⁸ Similarmente ao que aconteceu com Antão, o exemplo de Pacômio chamou a atenção de milhares de pessoas que abandonaram suas vidas para se juntar a um dos mosteiros pacomianos. Sabe-se inclusive que havia mosteiros femininos, e que a própria irmã de Pacômio fazia parte de um deles.²⁹

A vida em meio à comunidade fez Pacômio perceber que havia uma necessidade de regular esse novo estilo de vida; surge então a mais antiga regra monástica conhecida.³⁰ É interessante afirmar que essa regra foi composta por Pacômio em copta e que foi traduzida ainda na antiguidade tardia para outras línguas. A tradução latina, feita por Jerônimo³¹ a partir de uma versão grega, tornou-se conhecida no Ocidente, servindo de base ou inspiração para muitas regras monásticas posteriores, entre elas, a Regra de São Bento.

²² ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. "Vida e conduta de Santo Antão". In: *Santo Atanásio*. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 285-367.

²³ Tal obra tornou-se extremamente popular nas décadas e séculos seguintes em meio ao nascente monasticismo ocidental; ver ALTANER E STUIBER. *Patrologia*.

²⁴ A *Vida e conduta de Santo Antão* tornou-se a hagiografia por excelência e, como é próprio a tal gênero literário, narra acontecimentos fantásticos e sobrenaturais, que visam a edificação espiritual do leitor, sem se preocupar especificamente com cronologias ou veracidade de fatos. Não é, no entanto, objetivo desse artigo discutir tais elementos na *Vida e conduta de Santo Antão*. Para tal, ver VIVIAN, Tim e ATHABASSAKIS, Apostolos N. *The Life of Antony by Athanasius of Alexandria*. Kalamazoo: Cistercian Publications, 2003.

²⁵ RUBENSON, Samuel. *The Letters of St. Anthony: Monasticism and the Making of a Saint*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ VEILLEUX. *Pachomian Koinonia*, vol. I, pp. 39-40 e 71.

²⁹ Ver VEILLEUX. *Pachomian Koinonia*, vol. I, pp. 49-50. Ver ainda ROUSSEAU, Philip. *Pachomius: the Making of a Community in Fourth-Century Egypt*. Berkeley: University of California Press, 1985.

³⁰ VEILLEUX. Armand. *Pachomian Koinonia vol. II. Pachomian Chronicles and Rules*. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1981.

³¹ Idem.

Conservam-se também em copta, cartas que Pacômio escreveu a seus discípulos. Tais cartas apresentam uma linguagem bastante complicada e mesmo esotérica, passando a impressão de textos arcanos, que deveriam ser compreendidos somente por seus destinatários, discípulos diletos de Pacômio.³² Dois dos sucessores de Pacômio, Teodoro e Horsiésio, também deixaram escritos em copta, todos compostos no século IV; tratam-se de homilias, cartas e instruções dirigidas aos monges da congregação pacomiana.³³

Por último, mas não menos importante, outro conjunto de textos completa a base do dossiê literário pacomiano, as já citadas *Vidas de Pacômio*. São muitos os manuscritos antigos e medievais que contêm inúmeras versões diferentes da *Vida de Pacômio*, formando um complexo conjunto de obras. Existem basicamente quatro grupos principais que formam o largo dossiê das *Vidas de Pacômio*, o grego, o copta – que conta com uma *Vida* completa no dialeto boárico e inúmeros fragmentos no dialeto saídico – o árabe e o latino.³⁴

Apesar de nenhum manuscrito ou fragmento do século IV ter sobrevivido, há certo consenso entre os estudiosos sobre a data aproximada da composição original da *Vida de Pacômio*, composição esta que teria dado origem, direta ou indireta, à já citada avalanche de versões posteriores. E esta data seria a segunda metade do século IV, mais precisamente, após a morte de Pacômio, por volta do dia 9 de maio de 346, que gerou uma crise sucessória na sua congregação. Após a morte de Pacômio, o monge Petrônio o sucedeu, morrendo pouco tempo depois. O monge Horsiésio assumiu então o controle da congregação, mas devido a violentos protestos de abades de alguns mosteiros pacomianos, este renunciou em favor de Teodoro, que assumiu no ano de 350, quatro anos após a morte de Pacômio.³⁵ A composição original da *Vida de Pacômio* data muito provavelmente dessa época, durante os primeiros anos do governo de Teodoro como superior da congregação pacomiana; o texto deixa claro que seu objetivo é legitimar a autoridade de Teodoro, demonstrando como este era similar em santidade a Pacômio, como desde cedo era seu discípulo predileto e como possuía carismas sobrenaturais, principalmente o de clarividência, analogamente ao próprio Pacômio. Tal elogio de Teodoro fez inclusive com que muitos estudiosos passassem a considerar a obra em questão não como uma simples hagiografia de Pacômio, mas como uma hagiografia de Pacômio e Teodoro; houve até quem sugerisse que o estado atual das *Vidas de Pacômio* fosse, na verdade, um conjunto de versões que reuniria duas fontes primitivas distintas, uma *Vida de Pacômio* e uma *Vida de Teodoro*, ambas compostas no século IV.³⁶

Se há um consenso sobre a data aproximada da composição original da *Vida de Pacômio*, o mesmo não se pode dizer da língua na qual tal obra foi composta originalmente. Muitos estudiosos gastaram milhares de páginas sobre o assunto,³⁷ sem, no entanto, chegarem a uma conclusão satisfatória. A discussão gerou em torno das possibilidades de uma composição original em grego ou em copta, esta última, a língua materna de Pacômio e de seus primeiros discípulos e sucessores.

Nas décadas que se seguiram à fundação de Pacômio, o fenômeno do monasticismo espalhou-se rapidamente por todo o Egito e Oriente e muitas outras congregações foram fundadas.³⁸ No caso específi-

³² VEILLEUX, Armand. *Pachomian Koinonia vol. III. Instructions, Letters and other writings of Saint Pachomius and his Disciples*. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1982.

³³ Idem.

³⁴ Um excelente estado da pesquisa sobre o assunto, bem como um panorama dos manuscritos conhecidos é dado por VEILLEUX. *La liturgie dans le cenobitisme pachomien*.

³⁵ A crise sucessória em questão é narrada nos § 121-142 da *Vida boárica* e nos § 116-131 da *Primeira Vida Grega*.

³⁶ Ver VEILLEUX. *La Liturgie dans le cenobitisme pachômien*, pp. 11-160.

³⁷ Um excelente panorama da discussão em questão é apresentado por GOEHRING, James. *The Letter of Ammon and Pachomian Monasticism*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1986.

³⁸ O segundo lugar no qual surgiram comunidades monásticas foi a Síria. Muitos personagens importantíssimos da história do cristianismo do século IV, como Basílio Magno, por exemplo, foram monges na Síria e regiões adjacentes. Jerônimo, apesar de sua origem ocidental, passou as últimas décadas de sua vida em Belém, onde fundou comunidades monásticas. Ainda no século IV, o monasticismo atingiu o Ocidente e no século VI, viu surgir o mais famoso fundador de uma comunidade monástica, São Bento (Cf. ALTANER & STUIBER. *Patrologia*).

co do Egito, sabe-se da importância que tais comunidades monásticas tiveram, por exemplo, na luta pela ortodoxia. Atanásio e seus sucessores puderam contar em grande medida com o apoio de muitas congregações na luta contra o Arianismo o Melicianismo e Nestorianismo, por exemplo.³⁹ Ainda no século IV, boa parte das comunidades monásticas egípcias alinhou-se mais uma vez com o patriarcado de Alexandria na chamada controvérsia origenista.⁴⁰ No século V, quando a Igreja egípcia se separou do restante da cristandade, após o concílio de Calcedônia, em 451, devido à questão monofisita, as comunidades monásticas que apoiaram o patriarcado de Alexandria continuaram a existir, enquanto que aquelas que permaneceram fiéis à posição romana⁴¹ desapareceram gradualmente.

Tais fatos demonstram não só a importância política e teológico-religiosa do monasticismo egípcio, mas também como esse novo fenômeno cultural e social influenciou a história desse país. A ideia original dos estudiosos modernos segundo a qual os monges egípcios e orientais em geral eram iletrados e analfabetos vem sendo desconstruída.⁴² Sabe-se hoje que a maioria dos monges sabia ou aprendia ao menos a ler.⁴³ Os monges pacomianos, por exemplo, conheciam várias partes das Escrituras, particularmente os Salmos, de cor, fruto de recitações e, muito provavelmente, leituras diárias.⁴⁴ As práticas litúrgicas dos monges pacomianos provavelmente propiciavam uma série de outros contatos com as Escrituras. O estudo contínuo das Escrituras era facilitado pela existência de pequenas bibliotecas, presentes em cada um dos mosteiros. Cada biblioteca possuía vários códices das Escrituras, que eram guardados em armários e ficavam sob a supervisão de um monge específico, designado pelo abade. Tal monge distribuía os códices a quem lhe pedisse e existia inclusive a possibilidade de continuar os estudos do lado de fora do mosteiro, durante os trabalhos manuais diários.⁴⁵ Além do mais, para um monge pacomiano, as Escrituras eram a base de seu modo de vida, a sua regra primordial, daí a importância de conhecê-las de cor e por meio da leitura contínua.

Se muitos monges vinham do campo e não sabiam ler e escrever, a vida monástica dava-lhes a possibilidade de mudar tal quadro; do contrário, como se poderia explicar a existência de bibliotecas nos mosteiros do século IV?⁴⁶ Não é por acaso que, na pior das hipóteses, a maioria esmagadora dos manuscritos coptas encontrados, contenham eles textos ortodoxos ou heterodoxos, pertenciam a bibliotecas monásticas

³⁹ Atanásio foi um dos principais personagens da cristandade do século IV e o principal articulador da boa relação que, a partir do seu patriarcado, passou a existir entre a Igreja Egípcia e o monasticismo. O fato de Atanásio ter escrito a *Vida e conduta de Santo Antão*, a hagiografia monástica por excelência, e ideal de todo monge, foi de fundamental importância para sua popularidade em meio aos monges egípcios. Não menos importante foi o fato de Atanásio ter se refugiado em mosteiros da Tebaída durante um dos seus cinco exílios, resultados da perseguição imperial que, em alguns momentos do século IV, foi contra a ortodoxia tão defendida pelo patriarca alexandrino. Cf. GRIGGS, Wilfred C. *Early Egyptian Christianity. From its Origins to 451 C.E.* Leiden / New York / København / Köln: E.J. Brill, 1991.

⁴⁰ CLARK, Elizabeth A. *The Origenist Controversy. The Cultural Construction of an Early Christian Debate.* Princeton: Princeton University Press, 1992.

⁴¹ O principal opositor do monofisismo no Concílio de Calcedônia foi o bispo de Roma, Leão Magno. O Concílio acabou por condenar o monofisismo, o que fez com que o Patriarcado de Alexandria rompesse com o restante da cristandade (Cf. GRIGGS. *Early Egyptian Christianity*).

⁴² Tal opinião é expressada, por exemplo, por FESTUGIÈRE, André J. *Les moines d'Orient. Culture ou sainteté.* Paris: Éditions du Cerf, 1961.

⁴³ WIPZYCKA, Ewa. Le degré d'alphabétisation en Égypte Byzantine. *Revue des études augustiniennes* 30, pp. 279-296, 1984.

⁴⁴ Ver VEILLEUX. *La liturgie dans le cénobitisme pachomien.*

⁴⁵ Ver a discussão de VEILLEUX. *La Liturgie dans le cénobitisme pachômien*, p. 267.

⁴⁶ Ver ROBINSON, James M. "The Pachomian Monastic Library at the Chester Beatty Library and the Bibliothèque Bodmer". *Occasional papers of the Institute for Antiquity and Christianity*. Vol. 19. Claremont / Calif: The Institute for Antiquity and Christianity / The Claremont Graduate School, 1990. Sobre indícios arqueológicos e topográficos dos mosteiros no sul do Egito no século IV, em particular os pacomianos, ver LEFORT, Louis-Théophile. Les premiers monastères pachômiens. Exploration topographique. *Le Muséon* 52, pp. 379-407, 1939.

da antiguidade tardia.⁴⁷ Sabe-se ainda que muitos textos e cartas eram dirigidas primordialmente a mosteiros; é o caso das cartas festivas dos patriarcas de Alexandria, costume iniciado por Atanásio e seguido por seus sucessores; as cartas eram escritas em grego e traduzidas para o copta, sendo afixadas nos mosteiros. Nessas cartas, o patriarca de Alexandria definia datas do calendário litúrgico da Igreja egípcia, em particular as relativas à Quaresma e à Páscoa, aproveitando para discorrer sobre um assunto espiritual ou teológico.⁴⁸ Destaque para a carta festiva de Atanásio 367, que contém uma das mais antigas listas de textos canônicos conhecida.⁴⁹

Nesse sentido, cabe lembrar que o advento da escrita copta encontra-se num período de transição da história da escrita na antiguidade. Até o início do século IV, o cristianismo era religião marginal e muitas vezes até perseguida pelo poder estatal; os manuscritos cristãos que circulavam até então eram em geral cópias privadas, feitas por seus próprios consumidores. Havia, portanto, redes privadas de manufatura e circulação de manuscritos.⁵⁰ Em contrapartida, a partir do momento em que o cristianismo torna-se religião lícita no início do século IV, as redes de circulação de textos e manuscritos tornam-se públicas e difundidas; começam a surgir os chamados *scriptoria*, locais consagrados à cópia e confecção de manuscritos que contavam com copistas e escribas de ofício. Em geral, esses *scriptoria* ficavam em mosteiros, próximos às bibliotecas dos mesmos. Não é por acaso, portanto, que o número e a qualidade de manuscritos e códices do século IV é imensamente superior a dos séculos precedentes; além da questão temporal – um manuscrito do século IV sofreu menos com a deterioração que um manuscrito do século II, por exemplo – o surgimento de locais específicos de produção e cópia de manuscritos explica o aumento do número e qualidade de manuscritos cristãos a partir do século IV.⁵¹

Além do mais, pode-se afirmar que o advento da escrita copta provocou uma difusão da escrita e letramento, permitindo com que uma quantidade de egípcios considerável aprendesse ao menos a ler.⁵² Situação bem diferente daquela anterior ao advento do cristianismo no Egito.

A partir do século V a expansão da literatura copta é ainda mais notável; a quantidade de manuscritos e textos datados a partir desse século aumenta consideravelmente, o que demonstra mais ainda a difusão da escrita no Egito. A maior parte da literatura copta desse período em diante continua ligada direta ou indiretamente ao cristianismo, mais precisamente ao monasticismo, passando, no entanto, a ser mais plural, apresentando gêneros literários os mais diversos.

No conjunto da literatura do século V, destaca-se o chamado corpus Shenoutiano, que recebeu esse nome devido a seu autor, Shenoute de Artripa, abade do famoso Mosteiro Branco, um dos mais famosos mosteiros da antiguidade, localizado na própria região da Tebaída.⁵³ Shenoute representou o auge estilístico da literatura copta, já que escrevia com elegância singular, e suas obras são de suma importância para a coptologia. Por ser da Tebaída, escreveu no dialeto copta saídico, um dos mais comuns da região em questão e suas obras constituem a base do chamado saídico estandarte, o mais conhecido e estudado

⁴⁷ SCHOLTEN, Clemens. “Die Nag-Hammadi-Texte als Buchbesitz der Pachomianer”. In: *Jahrbuch für Antike und Christentum* 31, pp. 144-172.

⁴⁸ Ver LEFORT, Louis-Théophile. *S. Athanase – Lettres festales et pastorales en copte*. Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium. Volumes 150-151. Louvain: Universitatis Catholicae Americae et Universitatis Catholicae Lovaniensis, 1965.

⁴⁹ Idem, vol. 151, pp. 31-40.

⁵⁰ HAINES-EITZEN, Kim. *Guardians of Letters. Literacy, Power and the Transmitters of Early Christian Literature*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2000.

⁵¹ Idem.

⁵² WIPZYCKA. “Le degré d’alphabétisation”, p. 286. O ofício da escrita era mais complexo do que o da leitura e provavelmente exigia treinamento especial, já que envolvia uma série de habilidades específicas; portanto, se a leitura tornou-se mais acessível, a escrita permaneceu via de regra restrita aos escribas e copistas na antiguidade tardia (Cf. HAINES-EITZEN. *Guardians of Letters*).

⁵³ Sobre Shenoute, bem como sobre seu corpus literário, ver EMMEL, Stephen. *Shenoute’s Literary Corpus*. 2 Volumes. Louvain: Peeters, 2004.

dialeto da região sul do Egito. Shenoute ficou famoso por seu carisma de clarividência, característica essa atribuída igualmente aos já citados Antão e Pacômio, e por ter sido o secretário de Cirilo de Alexandria no Concílio de Éfeso, no qual se condenou o Nestorianismo.⁵⁴

A literatura copta é muito mais rica e volumosa do que muitos imaginam. As condições climáticas do Egito, país seco, são propícias para a conservação de manuscritos antigos. Assim sendo, a literatura copta forma um dos mais volumosos corpus de literatura da antiguidade tardia e Idade Média oriental. A quantidade de apócrifos, textos maniqueístas, homilias,⁵⁵ cartas que sobreviveram em copta até hoje – sejam traduções ou composições originais na língua em questão – é considerável. Em termos numéricos absolutos, a quantidade de textos conservados em copta é menor que a quantidade de textos antigos conservados em grego e latim; mas se a comparação levar em conta que o grego e o latim foram línguas cosmopolitas e que permaneceram sendo usadas durante muito mais tempo, percebe-se que a importância quantitativa da língua copta para o estudo da antiguidade tardia e Idade Média oriental.

Deve-se ainda chamar a atenção para o fato de o copta ter sido gradualmente substituído pelo árabe a partir das conquistas muçulmanas no século VII; muitas composições e textos coptas foram conservados em árabe. Um bom exemplo é a já citada *Vida de Pacômio*.⁵⁶

Apesar da quantidade de textos coptas inéditos, muitos, no entanto, estão intocados e não começaram nem mesmo a ser editados, devido à falta de pesquisadores. Não há estudiosos suficientes interessados em textos coptas, o que faz com que muitos textos e manuscritos não estejam sequer editados. E muitas vezes, estudiosos que conhecem a língua copta preferem se dedicar a textos apócrifos conhecidos que chamam a atenção da imprensa e do grande público, como os pretensos “evangelhos gnósticos”⁵⁷ ou os textos de Nag Hammadi em geral, deixando de lado outros tipos de literatura menos suscetíveis de prender a atenção do público ou de vender livros.⁵⁸ Tudo isso faz da escrita copta um frutuoso campo de estudos para acadêmicos interessados no cristianismo primitivo; um verdadeiro desafio para os pesquisadores e historiadores do futuro.

⁵⁴ GRIGGS. *Early Egyptian Christianity*.

⁵⁵ O gênero literário homilético em particular foi extremamente popular no Egito copta; a quantidade de textos que sobreviveram até os dias atuais é considerável. Um bom inventário desses textos em termos gerais é dado em BUZI, Paola. *Titoli e autori nella tradizione copta: studio storico e tipologico*. Pisa: Giardini, 2005. Dois assuntos em específico são muito comuns em meio a esse conjunto de homilias coptas: o primeiro a Virgem Maria, principalmente após o Concílio de Éfeso, no qual foi decretado o dogma da *théotokos* (Cf. ORLANDI, Tito. *Coptic Texts Relating to the Virgin Mary. Na Overview*. Roma: CIM, 2008); o segundo diz respeito aos apóstolos e pretensas situações e diálogos que tiveram com Jesus; textos esses que são conhecidos como diários dos apóstolos e compõem um gênero literário peculiar à língua copta. Até pouco tempo, um texto conservado em copta, que recebeu dos estudiosos o nome de *Evangelho do Salvador*, apesar de ter sido pouco explorado e estudado, era considerado um evangelho primitivo composto arcaicamente, quem sabe até em fins do século I (A primeira edição do texto foi feita por Hedrick e Mirecki. Cf. HEDRICK, Charles e MERICKI, Paul. *The Gospel of the Savior: a New Ancient Gospel*. Santa Rosa: Polebridge Press, 1999). No entanto, o doutorando em ciências das religiões pela Université Laval, Alin Sociu, o primeiro a dedicar uma pesquisa profunda sobre o texto, tem chegado a conclusões diferentes. Sociu tem percebido que o pretense evangelho arcaico trata-se na verdade de uma homilia copta, que faria parte desse grupo de “diários dos apóstolos”, tendo sido composta originalmente em copta. Tratando-se de uma composição original em copta, o texto em questão não pode ser anterior ao século IV, o que acaba com a possibilidade de um “evangelho primitivo”; análises paleográficas preliminares indicam que o manuscrito pode ser bem tardio, do século V em diante. Os resultados preliminares da pesquisa de Alin Sociu foram apresentados no “Colloque conjoint en Sciences des Religions. Université Concordia / Université Laval / UQÀM, 12-13 de abril 2007. UQÀM, Montreal.

⁵⁶ AMÉLINEAU, Émile. *Monuments pour servir à l'histoire de l'Égypte chrétienne au IVe siècle – Histoire de Saint Pakhôme et de ses communautés. Documents coptes et arabe inédits, publié et traduits par E. Amélineau*. 2 volumes. Paris: Annales du Musée Guimet, 1889.

⁵⁷ A categoria “evangelhos gnósticos”, além de ser uma construção moderna, é também extremamente artificial, visto que, em geral, os textos tradicionalmente assim chamados ou não correspondem ao gênero literário evangélico, ou não são gnósticos; em alguns casos ainda, os títulos são fruto de erros de leitura dos estudiosos modernos, como no caso do chamado “Evangelho dos Egípcios”, cujo título apresentado no manuscrito é na verdade *Livro sagrado do grande Espírito Invisível*.

⁵⁸ Mesmo dentre os textos de Nag Hammadi há alguns que foram muito estudados, como o *Evangelho de Tomé*, por exemplo, enquanto que outros permanecem quase que intocados. Sobre o assunto ver CRÉGHEUR, Éric. Les facteurs régissant la réception publique d'un texte ancien. *Laval théologique et philosophique*. Québec, 65, 1, pp. 35-44.